



RELIGIÃO E LITERATURA – REFLEXÕES SOBRE O *SILMARILLION*

Carlos Caldas

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

Professor do programa de pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

RESUMO

J. R. R. Tolkien (1892-1973) foi recentemente reconhecido como o “autor do século XX” na Inglaterra. Sua obra está sendo bastante divulgada, devido ao sucesso da filmagem da saga *O senhor dos anéis*, do diretor neo-zeelandês Peter Jackson. Entretanto, pouco tem sido comentado acerca de *O silmarillion*, cronologicamente, a primeira obra da mitologia tolkieniana. O presente texto estabelece um diálogo entre religião e literatura, a partir de uma abordagem de *O silmarillion*.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura Contemporânea; Subcriação; Mito.

ABSTRACT

J. R. R. Tolkien (1892-1973) was recently recognized as “the author of 20th century” in England. His work is right now well known, due to neozelander director Peter Jackson’s *The lord of the rings*. However, there’s no much comment about *The silmarillion*, which chronologically is the first work in the tolkieniana mythology. This text presents a dialogue between religion and literature, from an approach to *The silmarillion*.

KEYWORDS

Contemporary Literature; Subcreation; Myth.

Em 1977, passados quatro anos da morte de John Ronald Reuel Tolkien, foi publicada uma obra sua que recebeu o inusitado título *O silmarillion*. Christopher, um dos filhos de Tolkien, foi o responsável pela publicação. *O silmarillion* é considerado a *magnum opus* de Tolkien, que trabalhou nesse texto durante praticamente toda a sua vida. O

próprio Tolkien declarou a Clyde Kilby que havia começado a escrever partes da obra que mais tarde seria intitulada *O silmarillion* já em 1916 (Kilby, 1976, p. 17 e 47). Não há dúvida de que *O silmarillion* é o mais profundo e reflexivo dos livros de Tolkien. Enquanto *O hobbit* e a trilogia de *O senhor dos anéis* são mais “leves” e fáceis de entender, *O silmarillion* é muito mais denso e complexo. Observa-se que os eventos narrados em *O hobbit* e em *O senhor dos anéis* têm lugar na Terceira Era da história da Terra Média, mas os eventos de *O silmarillion* acontecem muito tempo antes, na Primeira Era, na época do início de todas as coisas. Não se pode deixar de mencionar que, enquanto *O hobbit* e *O senhor dos anéis* são romances, *O silmarillion* é uma coleção de contos mais ou menos independentes, sendo intensamente dramáticos e algo lacrimosos (como tragédias gregas, ou até mesmo dramalhões mexicanos) *De Beren e Lúthien* (quenta XIX) e *De Túrin Turambar* (quenta XXI) os mais conhecidos.

Além disso, pode-se dizer que, em *O silmarillion*, Tolkien é prolixo ao máximo, chegando não raro a ponto de cansar o leitor, o que não chega a acontecer em *O hobbit* e em *O senhor dos anéis*, que têm narrativas mais ágeis e, como é conhecido de todos os leitores de Tolkien, mais emocionantes. Há que lembrar que, bem mais que em suas outras obras, em *O silmarillion*, Tolkien tenta imitar as mitologias nórdicas e germânicas, as antigas sagas e *eddas*, o que explica as narrativas longas e tediosas do livro. Talvez por essas razões *O silmarillion* não seja uma obra tão popularmente conhecida como as outras citadas. *O silmarillion* propriamente deve seu título à história das três silmarils, pedras preciosas feitas pelo habilidoso e talentoso elfo Fëanor, príncipe dos Noldor, que as cria a partir da luz sagrada das duas árvores de Valinor, Telperion (a árvore branca) e Laurelin (a árvore dourada), criadas por Yavanna, Valië (rainha) dos Valar. Melkor, o Vala rebelde e caído, mata Finwë, pai de Fëanor, rouba as silmarils, engastando-as em sua coroa de ferro. Fëanor então passa a chamar Melkor de Morgoth (“Sinistro Inimigo”), pronuncia um terrível juramento, que mais tarde trará catástrofes ao próprio Fëanor, à sua casa e até mesmo a toda a região de Beleriand. Isso porque se cumprirão as profecias da Maldição de Mandos, referentes às tragédias previstas pelo Vala Mandos sobre

os elfos que deixassem Valinor para voltar à Terra Média em busca de tentar recuperar as silmarils roubadas por Morgoth. De fato, a Maldição de Mandos opera em eventos trágicos, como os envolvidos no conto de Beren e Lúthien. As silmarils sempre cegam de cobiça todos que as conhecem. O presente ensaio pretende abordar alguns aspectos referentes a esse livro. Tentar-se-á a apresentação de uma “arqueologia” (Foucault) de elementos que influenciaram Tolkien para a confecção de *O silmarillion*, e também identificar elementos filosóficos e teológicos encontrados na obra.

A maior parte do livro é formada por *Quenta Silmarillion* (A história das silmarils), composta por 24 capítulos que, como já foi dito, são na verdade contos independentes. Além dessa parte maior, há outras menores: *Ainulindalë* (A música dos Ainur – que, não obstante ser pequena, revela sem sombra de dúvida o propósito teológico de seu autor), *Valaquenta* (A história dos Valar), *Akallabêth* e *Dos anéis de poder e da Terceira Era*. Especialistas no *corpus tolkienianum* reconhecem que é difícil avaliar *O silmarillion* porque, além da já citada densidade do texto, da imensa quantidade de nomes próprios, genealogias e descrições geográficas, a ponto de tornar a leitura lenta e um tanto pesada, há tantos nomes que Christopher Tolkien editou alguns apêndices ao corpo do livro. Esses apêndices, úteis por demais para qualquer leitor, apresentam árvores genealógicas, um imenso glossário, uma guia para pronúncia em élfico e mapas. Além de tudo, não se pode com certeza saber como exatamente Tolkien pretendia ordenar o livro, que efetivamente é uma obra inacabada (Chance, 2000, 184-187). Não se sabe exatamente por que Tolkien mesmo jamais a publicou. Talvez, por excesso de perfeccionismo. Talvez, por pressões contrárias provenientes de setores conservadores da Igreja Católica Apostólica Romana, da qual Tolkien era membro praticante, temerosos de que a obra contivesse ensinamentos considerados heréticos por sua ortodoxia teológica. Noad, especialista na obra tolkieniana, propõe que a obra teria quatro grandes partes: a primeira, *Quenta Silmarillion*; a segunda, Concernente aos Poderes (*Ainulindalë* e *Valaquenta*); a terceira, Os grandes contos (*The Lays of Leithian*, *Narn I Hîn Húrin*, *A queda de Gondolin*, *Eärendil o Peregrino*); e a quarta, Os últimos contos (*Akalla-*

bêth e *Dos anéis de poder*); com apêndices: *The tale of years, of the laws and customs among the Eldar, Dangweth Pengoleð, Athrabeth Finrod ah Andreth* e *Quendi and Eldar* (Noad, 2000, p. 66-67). Qualquer estudo crítico de *O silmarillion* há que levar em conta o aspecto fragmentado e inacabado da obra. Em consequência, nenhum estudo crítico de *O silmarillion* será definitivo. Não obstante, vale reproduzir o que o já citado Kilby relata sobre o que ele pensa que seria a intenção de Tolkien para o verdadeiro final de *O silmarillion*:

Há evidência que, tivesse sua história continuado até seu final pleno e conclusivo, o mal ubíquo de Morgoth e Sauron teria cessado. Ele intencionou um final glorioso eventualmente similar ao descrito no livro do Apocalipse, com a verdadeira Telperion reaparecendo, o planeta refeito, as terras que ficaram embaixo d'água levantadas, as Silmarils recuperadas, Eärendil retornaria à terra, as Duas Árvores reacesas em sua luz original e poder dador de vida, e as montanhas de Pelori niveladas de modo que a luz poderia brilhar sobre a terra – sim, e os mortos ressuscitados e os propósitos originais de Eru executados (1977, p. 64-65).

1. DA INSPIRAÇÃO DO GÊNESIS NA FORMAÇÃO DE O SILMARILLION

Ainda que não haja certeza absoluta quanto a exatamente o que Tolkien pretendia com *O silmarillion*, uma coisa é certa: percebem-se inspirações advindas da leitura do Gênesis, o primeiro livro da Bíblia. Não se pretende nessa reflexão esgotar o assunto. A intenção é apresentar alguns pontos nos quais é possível perceber um paralelo entre o texto bíblico do Gênesis e *O silmarillion* de Tolkien.

Relato da criação – Tanto o Gênesis como o *Ainulindalë* começam com um relato da criação. Ambos os livros dão por assentada a existência de um ser todo-poderoso e inteligente, incriado, dotado de vontade própria, que dá origem a toda a realidade, sem querer explicar a origem do que não tem origem. O quadro a seguir ajuda a visualizar o paralelo que se percebe entre esses dois relatos:

Gênesis	<i>Ainulindalë</i>
No princípio, criou Deus os céus e a terra (1:1)	Havia Eru, o único, que em Arda é chamado de Ilúvatar. Ele criou primeiro os Ainur, os Sagrados, gerados por seu pensamento, e eles lhe faziam companhia antes que tudo o mais fosse criado (<i>O silmarillion</i> , p. 4)

Logo no início do *Valaquenta* (*Relato dos Valar*, obra pequena que é independente de *O silmarillion*), Tolkien corrobora o que dissera no *Ainulindalë*:

No início, Eru, o Único, que no idioma élfico é chamado de Ilúvatar, gerou de seu pensamento os Ainur; e eles criaram uma Música magnífica diante dele. Nessa Música, o Mundo teve início; pois Ilúvatar tornou visível a canção dos Ainur, e eles a contemplaram como uma luz nas trevas. E muitos dentre eles se enamoraram de sua beleza, e também de sua história, cujo início e evolução testemunharam como numa visão. Então, Ilúvatar deu Vida a essa visão e a instalou no meio do Vazio; e o Fogo Secreto foi enviado para que ardesse no coração do Mundo; e ele se chamou Eä. (2002, p. 15)¹.

A primeira impressão, no entanto, que alguém pode ter é que são relatos completamente diferentes. Parece que, enquanto o Gênesis é monoteísta, *O silmarillion* é politeísta. Na verdade, essa diferença é mais aparente que real. Tolkien, nitidamente inspirado no Gênesis, elabora como que uma recontagem, uma releitura da narrativa da criação. Em ambos os relatos, efetivamente é Deus quem cria o cosmos. Tolkien apresenta a criação como resultado de uma música cantada pelos Ainur, os primeiros seres criados por Eru.

Interessante observar que C. S. Lewis, colega de Tolkien nos *Inklings*, apresenta em *O sobrinho do mago*, o segundo volume das *Crônicas de Nárnia* – que, de fato, é ou deveria ser o primeiro na seqüência, pois é nessa aventura que se narra a criação de Nárnia, terra onde tem lugar a maior parte das narrativas que dão nome às crônicas – apresenta Aslam, o Grande Leão, criando Nárnia com seu canto. Parece que Tolkien e Lewis encontram inspiração para esse ponto (a criação do mundo pela música) não em mitologias nórdicas ou celtas, mas em uma antiga tradição rabínica, que diz ser a música

É oportuno lembrar que *Eä* em élfico significa “É” ou “Que seja”, a palavra que Ilúvatar pronunciou a criar o mundo. É difícil não lembrar que, no relato do primeiro capítulo do Gênesis, Deus cria o mundo exatamente pelo pronúncia de sua palavra.

uma linguagem divina. Ainda que nenhuma tradição rabínica afirme explicitamente que Deus criou o mundo pela música, é razoável inferir que a fala de Deus se expressou com musicalidade. Com criatividade, Tolkien combina um pano de fundo escandinavo com uma antiga tradição da sabedoria judaica. Essa mescla, assaz curiosa, é um louvor ao Criador.

As duas árvores – Quem tem alguma familiaridade com o texto do Gênesis conhece o relato das duas árvores presentes no Éden, a árvore do conhecimento do bem e do mal, e a árvore da vida (Gn 3:3, 22-23). Mais tarde, no Apocalipse, o último livro da Bíblia, falar-se-á novamente sobre a árvore da vida (Ap 22:2). A árvore é decerto elemento importante no simbolismo bíblico. Pela mesma forma, em *O silmarillion* de Tolkien as árvores são importantes. Duriez chega a afirmar que a árvore é a chave para entender os escritos de Tolkien (1992, p. 263). Telperion e Laurelin são as duas árvores (uma branca e a outra dourada), criadas pela canção de Yavanna e pelas lágrimas de Nienna, que um dia iluminaram Valinor, a terra dos Valar em Aman. No final da Terceira Era, uma muda de Telperion floresceu, o que marcou a restauração do reino de Elessar (Aragorn). Isildur (antepassado de Aragorn) trouxera a semente de Númenor a partir de uma árvore de Tol Eressëa (na Segunda Era havia comunhão entre os elfos de Tol Eressëa e os homens de Númenor), que, por sua vez, remontava a Valinor.

Listas genealógicas – No Gênesis, há pelo menos cinco grandes listas genealógicas: 5:1-32; 10:1-32 (esta é curiosa, por ser uma genealogia de povos, e não apenas de pessoas); 11:30-31; 25:12-18; 35:23-36:43. Evidentemente essas genealogias têm objetivo teológico, ao relatar as origens do povo com quem o Eterno estabeleceu aliança. Por isso, apresenta listas genealógicas de personagens importantes em sua estrutura teológica e literária, como Adão, Noé, Abraão, Isaque, Ismael, Jacó e Esaú. Pela mesma forma, *O silmarillion* apresenta genealogias da casa de Finwë, dos descendentes de Olwë e Elwë, casa de Bëor, da casa de Hador e do povo de Haleth (p. 389-392). O capítulo 10 do Gênesis, como já indicado, apresenta uma genealogia de povos, setenta (lembrando que “sete” é o tradicional número simbólico de perfeição na cultura judaica,

multiplicado por dez, o que dá idéia de algo completo, pleno, acabado), representativo de toda a humanidade que recebe a bênção do Criador. Pode-se dizer que há um correspondente em *O silmarillion* na lista dos povos élficos (p. 393).

Longevidades exacerbadas – É difícil ler os relatos do Gênesis referentes aos antediluvianos e não se impressionar com a tremenda longevidade alcançada pelos primeiros patriarcas. Em Gênesis 5, a média de idade dos mencionados é de cerca de 900 anos. Em *O silmarillion*, Tolkien apresenta relatos de longevidades maiores, ainda mais impressionantes, que chegam a lembrar as listas dos reis sumérios (que datam de cerca de 2000 a.C., época do patriarca Abraão), que falam de reis que viveram 10.000 anos (e alguns até mais que isso). No *Akallabêth*, por exemplo, em uma página curiosa, Tolkien relata:

ora, Gimilkhâd faleceu dois anos antes de seu ducentésimo aniversário (o que foi considerado uma morte prematura para alguém da linhagem de Elros, mesmo em sua decadência) [...] (2002, p. 342-343).

Relatos etiológicos – Não é difícil encontrar no Gênesis relatos etiológicos, isto é, relatos que explicam a razão de determinado costume ou de um nome próprio ou de acidente geográfico. Nessa categoria enquadram-se textos como 11:9 (que explica a origem do nome Babel), 16:13-14 (que explica o sentido do nome de determinado poço), 17:1-5 (que explica a mudança do nome de Abrão para Abraão) e ainda vários outros. Tolkien, no relato *Da fuga dos noldor* (o décimo terceiro dos *Quenta silmarillion*), inclui um relato etiológico, explicando a razão de a região ao norte do Estuário de Drengist ter sido chamada de Lammoth (“Grande Eco”), devido aos ecos do grito de Morgoth em sua luta contra Ungoliant (a aranha Laracna que aparece em *As duas torres*).

Descrições geográficas – Há várias descrições geográficas no Gênesis, como a da jornada de Abraão desde Ur até Harã, e de Harã ao Egito, e dali até Berseba (no sul do território do atual Estado de Israel). Essa narrativa toma vários

capítulos no Gênesis. Descrições geográficas extremamente realistas e bem detalhadas abundam nos *Quenta silmarillion*, a um ponto que chega a dificultar a compreensão por parte dos leitores. O glossário do livro, preparado por Christopher Tolkien, apresenta um sem-número de acidentes geográficos, como rios, ilhas, montanhas e vales. Sem embargo da menção de mapas (também presentes em *O hobbit* e em *O senhor dos anéis*), como aqueles da região de Beleriand e das terras ao norte.

Religiosidade – Quem lê o Gênesis com intenção de examinar a religiosidade descrita no livro há de se impressionar com o extremo de simplicidade e despojamento da vida religiosa dos patriarcas. Quando se lê o Levítico na mesma perspectiva, encontra-se um detalhamento impressionante do ritual de sacrifícios prescritos pela legislação mosaica, para diferentes situações da vida. O contraste com o Gênesis é evidente: a religião patriarcal é leve e descomplicada. Os patriarcas oram, erigem altares e realizam sacrifícios em louvor e gratidão a Javé, o Deus criador (Gn 4:26; 12:8; 13:4,18; 22:13; 28:18-19), e procuram viver em obediência aos seus mandamentos.

O tema do papel e do lugar da religião na obra tolkieniana tem sido combustível poderoso para inflamar apaixonadas e candentes discussões entre seus admiradores e alguns de seus críticos. Está, no entanto, fora de cogitação que em *O silmarillion* é Eru (que em suas cartas Tolkien chama direta e simplesmente de “God” – “Deus”) (*inter alia*, Lopes, 2002, p. 10) o criador e originador da vida e de toda realidade. Conforme o relato do Akallabêth, Eru (que, como Tolkien afirma na primeira sentença de *O silmarillion*, em Arda é chamado de Ilúvatar) é cultuado e louvado na ilha Númenor de maneira singela:

No meio do território, havia porém uma montanha alta e escarpada, que se chamava Meneltarma, a Coluna dos Céus, e nela havia um local elevado que era consagrado a Eru Ilúvatar. Era aberto e sem telhado; e nenhum outro templo ou santuário havia na terra dos númenorianos. (2002, p. 332).

Esse culto conhecia três festas por ano: Erukyermë (Prece a Eru), Erulaitalë (Louvor a Eru) e Eruhantalë (Agradecimento a Eru), no início da primavera (a primeira e a última festa) e no início do verão (a segunda festa) (Lopes, 2002, p. 11). Sobre a religiosidade presente na obra tolkieniana escreveu-se:

O culto considerado “verdadeiro” do ponto de vista dos que contaram a história que chegou até nós – basicamente Eldar e homens de Númenor – era a adoração monoteísta a Eru Ilúvatar, o Criador. Em Valinor, os próprios Valar é que presidiam esse culto, realizado sobre a montanha sagrada de Taniquetil em festivais anuais. Os Noldor exilados deixaram de fazer tais cerimônias por estarem separados do centro de culto valinoreano e sob a maldição dos Valar, mas mantinham a crença na divindade de Eru (cf. “O Diálogo de Finrod e Andreth”). O conhecimento místico e cosmogônico sobre Ilúvatar e os Valar foi provavelmente passado pelos Noldor aos elfos de Beleriand e aos Edain, seus aliados humanos, durante a Primeira Era. Um vestígio de cerimônia religiosa permaneceu entre os altos-elfos da Terra-média nos hinos a Elbereth, nome Sindarin de Varda, a Rainha das Estrelas. Contudo, é importante lembrar que os Valar eram apenas venerados, e não adorados, de forma semelhante ao culto prestado pelos católicos aos anjos e santos. Em Númenor, os Dúnedain costumavam prestar culto público a Eru três vezes por ano, em festivais celebrados no Meneltarma, “Pilar dos Céus”, a grande montanha no centro da ilha. O povo subia até o topo do Meneltarma liderado pelo rei, que acumulava as funções de sumo-sacerdote, todos vestidos de branco e em silêncio. Os frutos da terra eram então ofertados a Ilúvatar. Vale lembrar ainda que os orientais e sulistas da Terceira Era, assim como seus ancestrais e também os numenoreanos negros, adoravam Morgoth e Sauron como deuses, freqüentemente com sacrifícios humanos.

Línguas diferentes – Há no Gênesis (e também em outras passagens do Antigo Testamento, como Is 36:11; 2 Rs 18:26) textos que apresentam diálogos entre pessoas falantes de diferentes línguas. Exemplo significativo é Gn 31:44-47:

Disponível em:
<<http://valinor.com.br/imagens/faq.asp>>.
Acesso em: 8 jul. 2002.

Façamos agora, eu e você, um acordo que sirva de Testemunho entre nós dois. Então Jacó tomou uma pedra e a colocou em pé como coluna. E disse aos seus parentes: “juntem algumas pedras”. Eles apanharam pedras e as amontoaram. Depois comeram ali, ao lado do monte de pedras. Labão o chamou Jegar-Saaduta, e Jacó o chamou Galeede .

A primeira expressão (Jegar-Saaduta) é da língua aramáica, e a outra (Galeede) é da língua hebraica. Ambas significam “monte de pedras do testemunho”. Em todo *O silmarillion* há referências a línguas diferentes faladas pelos habitantes dos cenários apresentados na obra. Por exemplo, no *Akallabêth* Tolkien relata:

por isso, ocorreu que, além de seus próprios nomes, todos os senhores dos númenorianos também tinham nomes em eldarin. E o mesmo acontecia com as cidades e os belos lugares que fundaram em Númenor e nas costas das Terras de Cá. (2002, p. 333).

A propósito, muito já tem sido dito a respeito dos aspectos lingüísticos e filológicos presentes na obra de Tolkien (*inter alia*, Smith, 1997). Sem dúvida, a filologia era uma das principais paixões na vida de Tolkien, que o levou ao extremo de construir línguas. Não se pode omitir o fato de que Tolkien criou essas línguas com realismo levado ao paroxismo: suas criações lingüísticas têm alfabetos próprios, fonética, estrutura sintática e um vocabulário extremamente rico. Mas Tolkien cria também todo um cenário para justificar essas línguas, como os povos que as falam, o cenário geográfico, a história e a cultura desses povos.

Em suma: há evidências que apontam para o fato de Tolkien ter se inspirado no Gênesis bíblico para produzir partes de seu *O silmarillion*. O escritor britânico se apropria de temas bíblicos e os trabalha a seu modo, fazendo uma releitura deles, com liberdade poética, para o cumprimento de seus propósitos literários.

2. DO PANO DE FUNDO MITOLÓGICO DE O SILMARILLION

É fato amplamente reconhecido nas análises da obra tolkieniana que o recurso ao elemento épico e mitológico nórdico é essencial para a compreensão e análise dessa obra literária. No caso de *O silmarillion*, o pano de fundo é o épico finlandês *Kalevala*, que Tolkien leu pela primeira vez em 1911 (Chance, 2001, p. 225, n. 3). A esse respeito, Tolkien mesmo escreveu a Christopher Bretherton em 16 de julho de 1964 dizendo: “a semente de minha tentativa de escrever lendas criadas por mim para encaixar nelas minhas línguas particulares foi o conto trágico do desafortunado Kullervo no *Kalevala* finlandês” (Carpenter, 1980, p. 345). Barnfield observa um paralelo entre o herói trágico Kullervo da literatura finlandesa e o já citado Túrin Turambar (Barnfield, 1994, p. 29-36), que não por mera coincidência também é um herói trágico. Elementos mitológicos heróicos de origem nórdica não-finlandesa e germânica também estão presentes na matriz de *O silmarillion*.

Kocher (1980, p. 5), especialista na obra de Tolkien, sugere que *O silmarillion* é uma espécie de paráfrase da mitologia da criação nórdica-islandesa, mas Tolkien não bebe apenas na fonte das mitologias escandinavas. Exemplo eloqüente desse ecletismo de Tolkien é o *Akallabêth* (a quarta parte de *O silmarillion*), que narra a queda de Númenor – essa parte parece ser calcada no antigo mito grego da Atlântida. Portanto, o termo *quenya* que equivale em sentido ao adûnaico (numenorian) *Akallabêth* é *Atalantë*, palavra que óbvia e nitidamente lembra “Atlântida”. Portanto, conclui-se que Tolkien com liberdade faz uso de diferentes mitos para a criação do seu mito particular (*inter alia*, Petty, 1972; Simpson, 1974; Day, 1999).

Porém a principal questão não é a das fontes mitológicas nas quais Tolkien bebeu para produzir sua mitologia. De fato, essa discussão, para o propósito do presente ensaio, não obstante sua óbvia importância, é secundária. O ponto verdadeiramente central é: qual é o propósito de Tolkien ao escrever utilizando linguagem mitológica? Antes de responder a essa pergunta, se faz necessário, no entanto, responder a ou-

A edição do *Kalevala* que Tolkien leu foi *Kalevala: The land of heroes*, compilada por Elias Lömrot (1849), traduzida por W. F. Kirby (London: J. M. Dent and Sons, 1907).

tra, igualmente importante: o que é “mito”? A resposta a essa pergunta naturalmente lançará luz sobre a pergunta anterior. Mircea Eliade (1999, p. 84) lembra que “o mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, *ab initio*”. Eliade (1996, p. 55-56) também argumenta que o mito exerce função importante por demais:

Narrando ou ouvindo um mito, retomamos o contato com o sagrado e com a realidade, e dessa maneira ultrapassamos a condição profana, a “situação histórica”. Em outros termos, ultrapassamos a condição temporal e a obtusa suficiência, que são o fardo de todo ser humano, pelo simples fato de ele ser “ignorante”, ou seja, de identificar a si e ao Real com a sua própria situação particular. Pois a ignorância está em primeiro lugar nesta falsa identificação do Real com o que cada um de nós parece ser ou parece possuir. Um político acredita que a única e verdadeira realidade é o poder político, um milionário está convencido de que apenas a riqueza é real, um erudito pensa a mesma coisa de suas pesquisas, de seus livros, de seus laboratórios, e assim por diante. Encontra-se igualmente a mesma tendência nos menos civilizados, nos “primitivos” e nos “selvagens”. Com a diferença de que para eles os mitos ainda estão vivos e, conseqüentemente, eles os impedem de *se identificarem completa e continuamente com a não-realidade*. A recitação periódica dos mitos derruba os muros construídos pelas ilusões da existência profana. O mito reatualiza continuamente o Grande Tempo e dessa forma projeta quem o ouve a um plano sobre-humano e sobre-histórico que, entre outras coisas, proporciona a abordagem de uma Realidade impossível de ser alcançada no plano da existência individual profana (Grifos do original).

Quanto a isso, Lévi-Strauss (2000, p. 17-18) lembra que a separação entre ciência e “pensamento mitológico” acontece nos séculos XVII e XVIII.

⁶ Quanto à limitação da ciência para a compreensão da realidade, consultar, *inter alia*, Lévi-Strauss (2000, p. 25).

É exatamente esse o uso que Tolkien faz do mito em *O silmarillion*. A simples menção da palavra “mito” é capaz de causar arrepios em pessoas “modernas”, acostumadas a pensar em um molde racionalista, de influência iluminista. Afinal, há que rejeitar o “mito” que, por definição, pensam, é irracional e, portanto, impróprio, por refletir uma cosmovisão considerada ultrapassada. A questão é que a racionalidade não consegue abarcar toda a realidade. De modo que há

espaço para a racionalidade lógica, mas também para o mito, o sonho, o símbolo, a metáfora, a poesia, e muito mais, para tentar compreender a realidade.

Nesse sentido a obra de Tolkien em geral (e, naturalmente, para os propósitos do presente texto, *O silmarillion* em particular), ao usar o maravilhoso, a fantasia, características do pré-moderno, ironicamente antecipa alguns aspectos do que se convencionou chamar de “pós-modernismo”, pois quebra com o paradigma exacerbadamente racionalista da epistemologia moderna, moldada conforme os padrões do Iluminismo. Pode-se concluir que, com o uso que faz dos mitos em toda a sua obra (e não apenas em *O silmarillion*), que é na verdade em si um grande mito, Tolkien está a tentar iluminar nossa compreensão da realidade em que vivemos. O recurso ao mitológico é um libelo contra a racionalização exacerbada da modernidade. Assim, em Tolkien o elemento mitológico não é necessariamente, como se poderia pensar, irracional ou não verdadeiro (Lévi-Strauss, 2000, p. 27-51). É exatamente o contrário, ou seja, o mito é instrumento de auxílio em uma tentativa de compreensão da realidade. Nesse sentido, a obra de Tolkien recorda a frase do escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez, que afirmou certa vez que toda fantasia é uma forma de recriação da realidade. Tolkien poderia concordar com a afirmação de que a realidade é tão grande que a racionalidade lógica é pequena demais para compreendê-la *in totum*. Daí a necessidade de se recorrer ao mito. Ademais, os mitos se relacionam com arquétipos, presentes no “inconsciente coletivo” (Jung) de muitas culturas, em diferentes épocas e diferentes regiões, sendo, portanto, praticamente universais. Entretanto, há que ressaltar que, mesmo com o recurso ao mito, não se poderá abarcar em plenitude a realidade, mormente sua dimensão transcendente, que é exatamente a que os mitos fazem referência⁸.

Todavia, é importante lembrar que mito é diferente de alegoria. Tolkien inclusive criticava seu já citado colega Lewis, que julgou ser alegórico por demais em sua fantasia⁹. O que Tolkien faz em *O silmarillion* não é alegoria, como Lewis faz na também já citada série *Crônicas de Nárnia*. Não obstante Tolkien ter declarado explicitamente que não há quaisquer sentidos ocultos em sua obra (2001, p. 15-16), é possível

Nas palavras sugestivas de Coleridge, o símbolo é irmão gêmeo do mito.

⁸ Lévi-Strauss sonha com a formulação de uma epistemologia integrada, que contempla mito e ciência (op. cit., p. 18).

⁹ Não é difícil perceber que Lewis é influenciado por John Bunyan, autor de *O peregrino*, provavelmente a alegoria mais famosa de toda a história do pensamento cristão.

perceber, no caso específico de *O silmarillion*, por exemplo, analogias, como a já citada neste texto, com a doutrina bíblica da criação. Afinal, a moldura na qual se insere toda a obra de Tolkien é indubitavelmente cristã, e não pagã, como se poderia pensar. Evidentemente Tolkien faz analogias com liberdade poética, e não uma simples repetição do que é dito nos textos bíblicos, pois suas analogias não são jamais completas ou exaustivas. Se assim fosse, seriam alegorias, que condenou com veemência.

Ao se falar do conteúdo mitológico de *O silmarillion* (e, por extensão, em toda a obra tolkieniana), se faz necessário recordar que Tolkien trabalha com a idéia de “subcriação”, que é indubitavelmente central para a plena compreensão do pensamento tolkieniano (Duriez, 1992, p. 240). A “subcriação” em Tolkien é um esforço deliberado e consciente de, com o uso da imaginação e da fantasia (via de conseqüência, do mito), encontrar uma unidade de significado para o todo da realidade. É “sub” criação porque opera e existe abaixo da criação de Deus.

Em síntese: *O silmarillion* é o esforço consciente de seu autor para, a partir de várias outras mitologias, criar sua própria mitologia, com o intuito de apresentar uma tentativa de compreensão da realidade, especialmente sua dimensão metafísica, fugindo da prisão do racionalismo que nega espaço à fantasia e à imaginação.

3. DOS ELEMENTOS FILOSÓFICOS E TEOLÓGICOS EM O SILMARILLION

Como dito no início deste ensaio, é em *O silmarillion* (não obstante sua estrutura fragmentada e a obra estar inacabada) que Tolkien explicita melhor suas convicções teológicas (*inter alia*, Syme, 1989; Irigaray, 1996; Lindauer, 2000). Tolkien jamais se apresenta como teólogo propriamente, mas, a seu modo, realiza um diálogo entre literatura e teologia. Dessa forma, acaba por fazer teologia. Como já se observou, Tolkien em *O silmarillion* apresenta uma teologia – sugestiva e imaginativa, não racionalista – da criação. Não se pode deixar

de notar que a criação em *O silmarillion* efetivamente é produto do pensamento de Eru. Tal constatação revela influência da filosofia platônica no pensamento tolkieniano. Talvez seria melhor dizer que Tolkien é neoplatônico, recebendo influência de Plotino¹⁰. Ademais, *O silmarillion* é uma teodicéia, ou seja, a apresentação de uma resposta ao problema do sofrimento e do mal no mundo sem abrir mão da crença na bondade, na onipotência e na justiça de Deus (*inter alia*, Davis, 1983). Pode-se pensar, no entanto, que *O silmarillion* seria um tratado de demonologia, uma espécie de *Grande sertão: Veredas* britânico, pois, aparentemente, fala mais a respeito de Melkor que de Eru. Mesmo que fale pouco de Eru, Tolkien apresenta sua visão de Deus em trechos no *Akallabêth* como “o Destino do Mundo – disseram – somente Um pode mudar, Aquele que o criou” e “a vontade de Eru não pode ser contrariada”, ou ainda “o amor por Arda foi posto em seus corações por Ilúvatar, e ele não planta sem propósito” (2002, p. 336-337). Mesmo que estatisticamente Tolkien fale mais de Melkor que Eru, sua obra apresenta a derrota final de Melkor. Assim, *O silmarillion* lembra o *Paradise lost*. Nesse sentido, Tolkien está mais para John Milton que para Guimarães Rosa. É significativo por demais que, no *Ainulindalë*, mesmo após Melkor desafinar a canção entoada pelos Ainur, ela continua sendo exercida, pois faz com que a dissonância de Melkor seja de alguma maneira incorporada ao todo da canção. Isso revela uma visão agostiniana de Tolkien. Apesar disso, a visão de Tolkien é pessimista. No último capítulo de *O silmarillion* (*Da viagem de Eärendil e da Guerra da Ira*, quenta XXIV), Tolkien declara:

Os Valar empurraram o próprio Morgoth pela Porta da Noite, para além das Murallas do Mundo, para o Eterno Vazio. E uma guarda está instalada para sempre nessas murallas, e Eärendil vigia as defesas dos céus. No entanto, as mentiras plantadas por Melkor, o poderoso e maldito, Morgoth Bauglir, o Poder do Terror e do ódio, nos corações de elfos e homens, são uma semente que não morre e não pode ser destruída. E de quando em quando ela volta a brotar; e dará frutos sinistros até o último dos dias (2002, p. 35).

¹⁰ Para mais detalhes, consultar Plotino (2000).

Um dos principais temas teológicos apresentados em *O silmarillion* é o da inveja, que a antiga tradição cristã considera um dos sete pecados capitais. Após a criação dos Ainur, os Sagrados (seres que têm analogia com os arcanjos da literatura bíblica), a inveja instala-se no coração de Melkor:

Agora porém, Ilúvatar escutava, sentado, e por muito tempo aquilo lhe pareceu bom, pois na música não havia falha. Enquanto o tema se desenvolvia, no entanto, surgiu no coração de Melkor o impulso de entremear motivos da sua própria imaginação que não estavam em harmonia com o tema de Ilúvatar; com isso procurava aumentar o poder e a glória do papel a ele designado. A Melkor, entre os Ainur, haviam sido concedidos os maiores dons de poder e conhecimento, e ele ainda tinha um quinhão de todos os dons de seus irmãos. Muitas vezes, Melkor penetrara sozinho nos espaços vazios em busca da Chama Imperecível, pois ardia nele o desejo de dar existência a coisas por si mesmo; e a seus olhos Ilúvatar não dava atenção ao Vazio, ao passo que Melkor se impacientava com o vazio. E no entanto ele não encontrou o Fogo, pois este está com Ilúvatar. Estando sozinho, porém, começara a conceber pensamentos próprios, diferentes daqueles de seus irmãos (Tolkien, 2002, p. 4).

Não é difícil perceber como o relato de Tolkien, logo no início do *Ainulindalë*, retrata a queda de um Ainu de maneira bastante semelhante àquela como (sem querer entrar no mérito do acerto e/ou da validade da interpretação) a tradição cristã há muito entende que foi o que aconteceu com Lúcifer, o arcanjo caído que passa a ser chamado de Satanás. Tolkien relata em *O silmarillion* a criação de elfos e homens, ambos chamados de “Filhos de Ilúvatar”, da mesma forma como a Bíblia chama anjos e homens genericamente de “filhos de Deus”. Tolkien continua a relatar a respeito da inveja que se aninha no coração de Melkor:

E ele (Melkor) fingia, a princípio até para si, que desejava ir até lá e ordenar tudo pelo bem dos Filhos de Ilúvatar, controlando o turbilhão de calor e frio que o atravessava. No fundo, porém, desejava submeter à sua vontade tanto elfos quanto homens, por invejar-lhes os dons que Ilúvatar prometera conceder-lhes; e Me-

lkor desejava ter seus próprios súditos e criados, ser chamado de Senhor e ter comando sobre a vontade de outros. (2002, p. 8).

Pouco adiante, Tolkien registra, ainda sobre o tema da inveja de Melkor: “E assim, quando a Terra ainda era jovem e repleta de energia, Melkor a cobiçou e disse aos outros Valar: – Este será o meu reino; e eu o designo como meu!” (2002, p. 10). Adiante, em *Das Silmarils e da inquietação dos noldor* (quenta VII) Tolkien fala sobre como Melkor perde por completo todo e qualquer referencial, em seu afã de conseguir as silmarils:

E então Melkor cobiçou as Silmarils, e a mera lembrança de seu brilho era um fogo a lhe corroer o coração. Daquela época em diante, instigado por esse desejo, ele buscou, cada vez mais avidamente, um meio de destruir Fëanor e encerrar a amizade entre os Valar e os elfos. Mas disfarçou seus objetivos com astúcia, e nenhuma malignidade podia ser vislumbrada no semblante que ele apresentava. Por muito tempo dedicou-se ele a esse trabalho, e a princípio lentos e estéreis eram seus esforços. Contudo, quem semeia mentiras no final não deixará de ter sua colheita; e em breve poderá descansar da labuta enquanto outros vão colher e semear em seu lugar. Melkor sempre encontrava ouvidos que lhe dessem atenção, e algumas línguas que aumentassem o que haviam escutado; e suas mentiras passaram de amigo a amigo, como segredos cujo conhecimento demonstra a sabedoria de quem os revela. Amargo foi o preço pago pelos noldor, nos tempos que se seguiram, pela tolice de manter os ouvidos abertos. (2002, p. 74).

Não é difícil perceber o paralelo com o retrato que a Bíblia apresenta de Satanás, que é chamado de “príncipe deste mundo” (Jo 12:31; 14:30; 16:11). Aliás, Tolkien explicitamente declara em *Da fuga dos noldor* (quenta IX): “Em Angband porém Morgoth forjou para si uma coroa de ferro e si intitidou Rei do Mundo” (2002, p. 92). Tolkien é fiel à ortodoxia teológica tradicional cristã ao apresentar Melkor incapaz de criar. O máximo que Melkor pode é imitar deturpando e distorcendo:

É porém, considerando verdadeiro pelos sábios de Eressëa que todos aqueles quendi que caíram nas mãos de Melkor antes da

destruição de Utumno foram lá aprisionados, e, por lentas artes de crueldade, corrompidos e escravizados; e assim Melkor gerou a horrenda raça dos orcs, por inveja dos elfos e em imitação a eles, de quem eles mais tarde se tornaram os piores inimigos. Pois os orcs tinham vida e se multiplicavam da mesma forma que os Filhos de Ilúvatar; e nada que tivesse vida própria, nem aparência de vida, Melkor jamais poderia criar desde sua rebelião no Ainulindalë antes do Início. Assim dizem os sábios. E, no fundo de seus corações negros, os orcs odiavam o Senhor a quem serviam por medo, criador apenas de sua desgraça. Esse pode ter sido o ato mais abjeto de Melkor, e o mais odioso aos olhos de Ilúvatar (2002, p. 49).

Assim, percebe-se que Tolkien apresenta em sua narrativa de *O silmarillion* como que uma corrente, na qual eles estão encadeados com outros elos. A inveja (produzida pelas silmarils e o desejo de obtê-las a qualquer custo) está ligada à cobiça (outro dos sete pecados capitais na tradição cristã), que por sua vez gera reações e atos de ira (também integrante da lista dos pecados capitais)¹¹. O mesmo acontecerá mais tarde com relação aos Anéis de Poder, mais especificamente, com o famoso Um Anel (Tolkien, 2002, p. 363-388).

CONCLUSÕES

O silmarillion é obra fascinante, apesar de, como observado no início desta reflexão, ser monótona na maior parte do tempo, de leitura cansativa e pesada. São várias as possibilidades de leitura do texto de Tolkien. Não raro o texto tolkieniano provoca polêmicas – nem sempre se concorda com sua cosmovisão, ou ainda com as leituras de sua obra. De modo que não se pretendeu aqui dar a última palavra, ainda mais quando se reconhece o já mencionado aspecto fragmentado e incompleto dessa que tem sido considerada a obra-prima do conjunto literário tolkieniano. *O silmarillion*, provavelmente a expressão máxima da genialidade e da loucura de Tolkien, decerto guarda segredos ainda não explorados por seus muitos leitores. Apresentaram-se aqui apenas algumas idéias, nesta proposta de diálogo entre literatura e religião.

Quanto a isso, é significativo o capítulo *Da destruição de Doriath* (quenta XXII, p. 289-302).

- BARNFIELD, Marie. Túrin Turambar and the Tale of the Fosterling. *Mallorn* 31, p. 29-36, 1994.
- CARPENTER, Humphrey (Ed.) *Letters*. London: Allen and Unwin, 1980.
- CHANCE, Jane. *Tolkien's art. A mythology for England*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2000.
- DAVIS, Larry Elton. *A christian philosophical examination of the picture of evil in the writings of J. R. R. Tolkien*. PhD Diss. Southwestern Baptist Theological Seminary, 1983.
- DAY, Daniel. *Tolkien's ring*. Pavilion Books, 1999.
- DURIEZ, Colin. *The J. R. R. Tolkien handbook. A comprehensive guide to his life, writings and world of Middle-Earth*. Grand Rapids: Baker Book House, 1992.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. Tradução de Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOSTER, Robert. *The complete guide to Middle-Earth*. London: HarperCollins Publishers, 1993.
- IRIGARAY, Ricardo Luis. *Tolkien and christian faith*. Universidad de Navarra, 1996.
- KILBY, Clyde. *Tolkien & The silmarillion*. Wheaton: Harold Shaw Publishers, 1976.
- _____. Mythic and Christian elements in Tolkien. In: MONTGOMERY, John Warwick (Ed.) *Myth, allegory and gospel*. Bethany, 1974.
- KOCHER, Paul. *A reader's guide to the "Silmarillion"*. Boston: Houghton Mifflin, 1980.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Tradução de Antonio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 2000.
- LINDAUER, Ruth E. *Small acts of faithfulness: an analysis of selected works of Tolkien*. MA Thesis. Johnson City: Emmanuel School of Religion, 2000.
- LOPES, Reinaldo J. "Monoteísmo puro". Um olhar sobre a religião em Arda. *O universo fantástico de Tolkien*, Barueri, ano I, n. 6, 2002. Camargo & Moraes.

- NOAD, Charles E. On the construction of “The silmarillion” in Tolkien’s legendarium: essays on “The history of Middle-earth”. In: FLIEGER, Verlyn; HOSTETTER, Carl F. (Ed.). *Contributions to the study of science fiction and fantasy*, n. 86. Westport: Greenwood Press, 2000.
- PETTY, Anne Cotton. *The creative mythology of J. R. R. Tolkien: a study of the mythic impulse*. PhD Diss. The Florida State University, 1972.
- PLOTINO. *Tratado das Enéadas*. Tradução de Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2000.
- SHIPPEY, Tom. *J. R. R. Tolkien. Author of the century*. London: HarperCollins, 2000.
- SIMPSON, Dale Wilson. *Modernized myth: “Beowulf”, J. R. R. Tolkien, and “The lord of the rings”*. MA. Thesis: University of North Texas, 1974.
- SMITH, Arden Ray. *Germanic linguistic influence on the invented languages of J. R. R. Tolkien*. PhD. Diss. Berkeley: University of California, 1997.
- TOLKIEN, J. R. R. *O senhor dos anéis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *O silmarillion*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.